

11274 - Um ponto de vista urbano sobre a Educação do/no campo

OLIVEIRA, Ivete Maria de Souza

Universidade Federal do Paraná, filoclin@yahoo.com.br

Resumo: O conteúdo trabalhado ainda é um conteúdo baseado praticamente nos livros didáticos que estão espalhados nas escolas. Claro que sempre tem um diferencial porque numa escola campesina existe todo um conteúdo latente que é a prática social. O ideal é que os educadores trabalhem o conteúdo programático levando em conta que: muitos dos educandos estão em áreas regulares, outros em assentamentos ou acampamentos. Não se pode ignorar essa realidade, pois nenhuma escola ignora a realidade do seu sujeito: o educando. Os discursos, sejam eles de pessoas ou instituições, num primeiro momento, nem sempre são compreendidos. É necessário que se conheça o mundo e a cultura campesina para a elaboração de material didático apropriado, por exemplo, para que signos e coisas tenham significados. São mundos de contradições, pois ambos entram em choque quando os interesses de um são impostos em detrimento do outro. O diálogo entre as culturas será possível quando for reconhecido que em cada cultura há uma combinação diferente dos mesmos elementos comuns.

Palavras -Chave: educando, campesina, significado, culturas.

Contexto

A experiência ocorreu em virtude do trabalho de pesquisa a ser entregue como requisito para aprovação no módulo de “Projetos de Aprendizagem”, do curso Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, e para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia. A pesquisa iniciou-se da metade do primeiro semestre de 2009 e se estendeu até junho 2011, através de visitas em assentamentos e escolas rurais e entrevistas com professores e educandos das escolas rurais acerca do material didático utilizado.

Educação do/no Campo para quem mesmo?

Será que os camponeses realmente possuem identidade?

Quem são esses que estão no campo e que não merecem a atenção adequada? Os livros didáticos não atendem as especificidades, e aí? Quem vai se preocupar com os tais dos conteúdos programáticos?

São tantos os questionamentos que o Projeto de Aprendizagem despertou e poucos foram os acenos de respostas.

Descrição da experiência

Atendendo a exigência de apresentar trabalho/projeto como pré-requisito para aprovação no módulo “Projeto de Aprendizagem”, a acadêmica optou por pesquisar sobre a Educação do/no Campo, pois, desconhecia esse universo educacional, uma vez que sua experiência sempre se deu no espaço urbano e sobre o qual há vasta pesquisa e informação. Para isso se valeu de revisão bibliográfica, entrevistas e visitação.

A Educação Básica é um direito, então como colocar a Educação no campo dos direitos? Educação é antes direito.

A educação básica é um direito garantido pela Constituição e não há quem afirme e reconheça teoricamente que ela é um instrumento de inclusão e promoção social. No entanto, a educação no campo permanece à margem das políticas públicas e das pesquisas em nosso país

Movimentos que lutam pela educação e pela melhoria da qualidade de vida, são acalmados por políticas públicas e de governo pontuais, enquanto o necessário seria uma política sistêmica de Estado. Não é isso que se espera. Urge que a educação do campo seja vista sob um novo olhar e nova atitude.

Somente recuperando o conceito da educação como direito inerente a todo ser humano, sem cobranças que resultem em futuras dívidas (devolver o que a sociedade gastou com a formação dele) fincaremos as bases sólidas para a educação do/no campo. A educação é direito de cada um.

Vimos que os camponeses são cidadãos, e como tal, têm direitos e, nesse caso, a Educação Formal tem a característica (ou deveria ter) de gerar processos de reconhecimento pessoal (cidadania consciente) adaptados às realidades vividas somando-se aos que lutam em defesa da educação como Direito Universal, como Direito Humano.

Nosso setor (UFPR Litoral) é privilegiado nesse quesito: contamos com o apoio do diretor e da maioria da equipe docente, bem como dos acadêmicos em reconhecer que o campesino é alguém real. Caso alguém não tivesse tal percepção, teve a oportunidade de aprender e apreender que o campesino é um sujeito real; é aquele que é capaz de produzir e produz com a família, são pessoas que lutam pelo reconhecimento de sua história como trabalhadores

Antes de cursarmos Agroecologia, nos era distante o campesino; para nós eram gentes, porém, gentes sem rosto, sem nome, sem história. Hoje, os rostos se apresentam como a Cris lá do Rio Sagrado, como o sr. João lá da Limeira, o Cabelo lá do Assentamento 8 de abril, dona Maria lá do assentamento em Santa Catarina, “seu” Sebastião do São Joãozinho.

São pessoas que sabem onde estão e para onde querem ir.

A atual Educação do/no Campo não parece trazer as características dessas pessoas; ela não se mostra como continuação de uma trajetória de lutas e, também, de luta pelo direito à educação.

A experiência leva a pensar na urgente necessidade de estudar modelos educacionais alternativos de escolas voltadas para a educação rural, com formação geral, visando buscar soluções para os problemas enfrentados pelos jovens que residem nas propriedades agrícolas e que desejam permanecer estudando sem deixar suas propriedades para utilizarem o conhecimento adquirido em prol de sua reprodução social.

Uma grande parte dos jovens das zonas rurais está deixando suas famílias e propriedades, migrando para os centros urbanos em busca de instrução e profissionalização que não são oportunizados em suas comunidades de origem.
Equívoco em livro didático

Ainda não capaz de entender as diretrizes de nossos governantes no que concerne a “dita preocupação” com o futuro da educação do/no campo, nos incomoda que R\$ 13,4 milhões foram gastos na impressão do material didático com conteúdo errado. Os livros foram distribuídos para cerca de 40 mil classes, que atendem 1,3 milhão de alunos.

Infelizmente a grande mídia pouco enfatizou os erros encontrados em 200 mil exemplares da coleção Escola Ativa. Segundo informações veiculadas no portal Yahoo, do dia 03/06/2011, foram impressos 7 milhões de livros da coleção.

Nos livros de Matemática, apareceu erro no resultado de uma operação: $10-7=4$

Para analisar o material, o MEC contratou uma comissão de professores universitários que "chegaram à conclusão de que uma nova versão do material de apoio do programa Escola Ativa só poderá ser reutilizada depois de uma discussão com os coordenadores do programa, no próprio MEC".

Devastador é saber que esses livros com esse erro matemático foram enviados à escola rurais, segundo a informação veiculada no portal G1, “os títulos fazem parte de um material de apoio destinado à educação no campo para alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental”.

Visitando e aprendendo

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da UFPR Litoral prevê a promoção da educação pública integrada. A proposta pedagógica é baseada em projetos e desenvolvida junto às comunidades locais, buscando contribuir para o desenvolvimento científico, econômico, ecológico e cultural. Isso propicia uma forte interação entre a comunidade da UFPR Litoral e a comunidade litorânea. Nessa proposta, os acadêmicos são levados a visitarem as comunidades do entorno de Matinhos, bem como também de comunidades rurais de outros municípios do Paraná e de outros Estados.

Dentre essas visitas destaco aquela realizada na Escola Estadual do Cubatão (localizada na comunidade rural de Cubatão, a 70 km da sede do município de Guaratuba-PR) e na Escola Estadual Contestado (localizada no Assentamento do Contestado, na Lapa, a aproximadamente 70 quilômetros de Curitiba-PR).

Na manhã em que visitamos a Escola do Cubatão tivemos a oportunidade de perguntar à gestora se aquela escola era considerada rural ou urbana. E ela respondeu que era rural. Perguntamos se os conteúdos são dados a partir da realidade do aluno e se os livros didáticos são os mesmos que os da área urbana. Ao que ela confirmou que sim, os mesmos da urbana. Essa foi uma confirmação extra oficial que atesta a inadequação de material didático.



Figura 1, visita Escola Cubatão.

Quando da visita ao Assentamento Contestado, pudemos, mais uma vez, ouvir relatos tanto dos coordenadores da escola quanto de alguns alunos entrevistados que os conteúdos dos livros não levam em consideração a cultura campesina.



Figura 2, visita ao Assentamento Contestado

Resultados

Como acadêmicos é fácil chegar e sair de propriedades sem refletirmos no impacto que essa visita nos causou ou ao impacto deixado no proprietário. É fácil admirarmos a exuberante natureza ao redor, e achamos que ali é o paraíso e que morar ali seria “tudo de bom” naquele que nos parece ser o “pedaço do céu”; a contemplação não basta para internalizarmos o que seja viver no local com suas implicações positivas e negativas.

O êxtase causado pela paisagem nos inebria do fato que ali a vida não é tão simples como se pensa. A rotina de trabalho se faz necessária para que a terra dê seu fruto. Essa rotina é extremamente desgastante e a exaustão deixa marca indelével na face dos trabalhadores. Não se sobrevive sem conhecimento, planejamento e a força do braço.

Em contrapartida, já presenciamos filhas adolescentes de proprietários que, a despeito de possuírem esse “pedaço do céu”, olharam deslumbradas para algumas de nossas colegas atraídas por seus “fashion’s style”.

Não se pode negar a influência do urbano no rural e vice-versa. Ao mesmo tempo que se busca modernidade, se procura manter a identidade campesina, contudo com insucesso, uma vez que, é impossível impedir que o modo de vida rural influencie o modo urbano e o urbano influencie o rural. Ou seja, entre o urbano e rural existe uma continuidade. Diferenças culturais podem existir, mas não há uma segregação. O fascínio das adolescentes e dos adolescentes por aparelhos eletrônicos e/ou “adornos da moda” é transversal. Não importa se for rural ou urbano. Adolescentes – e muitos adultos – atualmente tendem a querer impor sua personalidade (identidade) pelo o que têm e o que usam e não por aquilo que são. No final das contas, o capitalismo não separou o rural e o urbano, mas fez o urbano colonizar o rural.

Os meios de comunicação se prestam “atualizar” os dois lados.

O sistema capitalista consegue atingir os dois grupos, pois, para os dois oferece produtos (Globo Rural, Pesca & Cia, Ana Maria Braga e os demais programas do mesmo formato; propagandas de veículos fascinantes tanto para o urbano quanto o rural. Veículos próprios para fazenda circulam altaneiramente pelas ruas de Matinhos e, por vezes, com placa da capital).

Pois bem, inúmeras são as iniciativas governamentais com o intuito de fazer valer as soluções para problemas díspares rural/urbano. Referindo-se a educação, muitas são as ações afirmativas para que as necessidades educacionais sejam, se não resolvidas, ao menos minimizadas. Todas as ações são louváveis e é possível que brevemente se veja a vitória também dessa luta.

Porém, para os entrevistados, isso ainda não é a realidade nas escolas rurais hoje.

A História da Educação não encerrou suas páginas; cada dia oferece uma oportunidade para que algo mude o que está posto. Embora a frase pareça um tanto ambígua, cremos na mudança e nem sempre o que está posto, permanece posto, de modo que a Educação do/no Campo é um processo que se espraia por caminhos (por exemplo, os caminhos do modo de produção, da política, da cultura, da educação, das Ciências, e/ou do lúdico e tantos outros) ofertando algo que não se compra com nenhuma moeda do mundo: a esperança. E enquanto ela existir, algo bom pode acontecer. E em se tratando de educação, cremos que o tempo urge e a militância não deve esmorecer.

Agradecimentos

À Deus e as orações de meus chaverim da HartZion e Sar-El.

Agradeço ao apoio da acadêmica Gracie Silézia de Souza Oliveira, pela parceria durante todo o período.

À acadêmica Handerlea Izaltina de Souza Oliveira, por contribuir com fatos e relatos da experiência vivenciada num assentamento no entorno do Rio Bonito do Iguaçu/Pr.

Ao diretor do campus UFPR Litoral Valdo Cavallet pela visão educacional e incentivo às atividades acadêmicas.

À professora Silvana Cássia Hoeller pela mediação durante o curso Agroecologia.

Ao professor Afonso Murata por incentivar a escrita de artigos.

À coordenadora do curso de Agroecologia- UFPR Litoral, prof^a Gabriela Bica.

Aos professores e aos colegas do curso de Agroecologia e Gestão Ambiental.

Aos motoristas da Central de Transportes da UFPR Litoral (CENTRAN).

Bibliografia Citada

G1, MEC abre sindicância para apurar erros em livros para escolas rurais

<http://ibahia.com/imprensa/noticia/mec-abre-sindicancia-para-apurar-erros-em-livros-para-escolas-rurais/>, capturado em 03/06/11

O DIARIO.COM, MEC gasta 13 milhões com livros

[http://www.odiarario.com/geral/noticia/428028/mec-gasta-r\\$-13-milhoes-com-livros-para-ensinar-10-7-4/](http://www.odiarario.com/geral/noticia/428028/mec-gasta-r$-13-milhoes-com-livros-para-ensinar-10-7-4/), capturado em 04/06/2011